



Associação Portuguesa das Empresas
do Setor Elétrico e Eletrónico

Síntese de Conjuntura Setor Elétrico e Eletrónico Janeiro-Abril 2020

O Impacto do COVID-19 na atividade das empresas

Face ao enorme e inédito impacto que se tem estado a viver em todo o Mundo devido à epidemia do COVID-19, a CIP desenvolveu ainda em finais de março um inquérito para aferir o impacto da situação epidemiológica na atividade das empresas e das associações empresariais.

Como tal, a ANIMEE sintetizou as repostas a esse mesmo Inquérito ao longo de 3 semanas, veiculando resultados setoriais mas também problemas específicos das empresas, a fim de favorecer a atuação rápida da CIP em benefício do setor.

Tendo em conta que muitas empresas anteciparam o impacto do confinamento e redução/paragem de atividade em toda a Economia a nível mundial, os resultados que se seguem evidenciam o impacto sentido ao longo do mês de Março e a antecipação possível do que seria o mês de abril, num cenário de incerteza e rapidez de acontecimentos sem precedentes.

No final deste mês em que se ensaia um regresso muito progressivo e relativamente abrangente da atividade económica em Portugal, em simultâneo com parceiros europeus e países terceiros, a ANIMEE congratula-se, ainda assim, pelo facto da Indústria ter sido um dos setores (comparativamente) menos afetados, graças à forma responsável e resiliente com que a maioria das empresas lidou (e está a lidar) com tão grave cenário.

* * * * *

1. CONJUNTURA SETORIAL

Nota: Os índices que se seguem resultam da média aritmética das repostas das empresas associadas, segundo uma escala qualitativa de **1 a 4**, em que 1 corresponde ao impacto mais desfavorável e 4 ao mais favorável e refletem o impacto sentido/previsto no período se iniciou por volta de 15 de março até final de abril.

Pouco significativo ou nulo	4
Moderado	3
Forte	2
Muito forte	1

1. Dificuldades no abastecimento/importações sentidas na empresa

1.1 Impacto sentido actualmente: 2,9

A maior parte das empresas reportou-o como **moderado**. Tendo feito de planos de contingência para continuar a atividade produtiva em segurança (fábricas e/ou armazéns, nalguns casos), colocado os restantes colaboradores em teletrabalho, feito stocks de segurança e não acusando ainda cancelamento de encomendas ou falta de pagamentos, nas primeiras semanas de abril, as empresas estavam expectantes mas o abrandamento ainda não tinha consequências de maior.

1.2 Impacto esperado: 2,6

A consciência da incerteza e rapidez com que o cenário se podia alterar a qualquer momento, dada a interdependência elevada das cadeias de valor num mundo globalizado, onde a paragem da economia se fez de uma forma tão rápida e generalizada, fez com que todos esperassem um impacto forte no final de um mês.

1.3 A empresa está a ser afetada por interrupção no abastecimento de produtos/serviços por parte dos fornecedores?*

Se sim, em que produtos/serviços, e para cada um deles, em que país esse produto/serviço tem origem e descreva o problema.

Cerca de 50% das empresas não haviam sido afetadas até à data. A outra metade das empresas inquiridas reportou atrasos na recepção de mercadorias vindas da China e outros países asiáticos (ex: Malásia), nomeadamente pelo atrasos nos transportes ou problemas logísticos causados pelas medidas dos governos locais no combate ao COVID-19. O tempo de entrega das mercadorias dos fornecedores foi, assim, alargado.

Foi ainda referida a dificuldade em importar matérias-primas de vizinhos como a Espanha, Itália e França, mas também de países mais distantes como a Turquia e a Índia.

2. Redução da procura sentida pela empresa

2.1 Impacto sentido actualmente

2.1.1 por parte de clientes do mercado nacional: 2,9

2.1.2 por parte de clientes do mercado externo: 2,9

2.2 Impacto esperado (2º trimestre)

2.2.1 por parte de clientes do mercado nacional: 2,5

2.2.2 por parte de clientes do mercado externo: 2,7

Na linha do anteriormente dito relativamente ao abastecimento de matérias-primas, também a procura de encomendas por parte dos clientes se mantinha nas primeiras semanas, antecipando-se, no entanto, uma maior quebra para o 2º trimestre, dada a incerteza de retoma, muito ligada à evolução e capacidade de controlo da epidemia quer em Portugal, quer nas populações dos países do mundo inteiro.

1.3 Outras áreas de dificuldades sentidas na empresa

A. Tesouraria

3.A.1 Impacto sentido atualmente: **3,0**

3.A.2 Impacto previsto no final de abril: **2,6**

3.A.3 Impacto previsto no final do ano: **2,2**

Um dos problemas mais temidos pelas empresas para o qual todas as associações empresariais têm alertado os respectivos Governos, tem sido a liquidez, uma vez que é esta que garante o fluxo de recebimentos e pagamentos entre clientes e fornecedores. Se no início de abril as 34 empresas inquiridas reportavam ainda ter fundo de maneo, sendo o impacto moderado, as perspectivas de ver a situação agravada até final do mês eram admitidas pela generalidade. Face à imprevisibilidade da(s) retoma(s), dificilmente a 100% devido à ausência de uma vacina que a permita, é consensual que a tesouraria até final de 2020 seja uma das áreas mais afetadas das empresas, não obstante os vários fundos já criados pelos Governos e pela União Europeia para apoiar as empresas nesta crise tão atípica.

B. Transportes / Logística / Alfândegas

3.B.1 Impacto sentido atualmente: **2,9**

Foram poucas as empresas a reportar problemas neste domínio, pelo que o impacto sentido atualmente é sentido como moderado.

3.B.2 A empresa está a ser afetada por bloqueios transfronteiriços de mercadorias (problemas c/ transportes, Alfândegas, etc)?

Contudo, algumas empresas reportaram problemas com mercadorias vindas da China (voos cancelados ou transporte marítimo atrasado).

C. Perturbações decorrentes da ausência de trabalhadores

3.C Impacto sentido atualmente: **3,4**

Apenas 11 das 49 empresas inquiridas suspenderam a atividade parcialmente, tipicamente pessoal da produção ou assistência técnica no local. As restantes atividades prosseguiram em teletrabalho.

3 empresas recorreram a 1 a 2 semanas de férias, tendo regressado à atividade. Duas colocaram a hipótese de entrar em lay-off em Maio.

D. Medidas protecionistas recentes adotadas pelos mercados externos

3.D.1 Impacto sentido atualmente: **3,3**

3.D.2 Alguns países estão a adotar medidas de restrição nas exportações de det. produtos (relacionados c/ setor da saúde e não só).

Cerca de 5 empresas apontaram dificuldades na importação de material de proteção para laborar em segurança, desde EPIs a álcool e gel desinfetante. Algumas recorreram à produção interna de viseiras/máscaras. Como tal, o impacto sentido foi moderado.

4. Suspensão de atividade relacionada com a epidemia

4.1 A atividade da empresa foi suspensa total ou parcialmente?

A esmagadora maioria das empresas (38 das 49 inquiridas) manteve a atividade quase a 100%, colocando as funções não produtivas em teletrabalho; nalguns (poucos) casos, recorreram a férias para fazer face a uma diminuição de atividade, preparando uma readaptação no regresso. As que se mantiveram em atividade puseram em prática planos de contingência para evitar a paragem da produção, assegurando condições de segurança a todos os colaboradores.

As empresas em laboração aplicaram planos de contingência centrados em evitar contaminação e/ou contágio, investindo em material de proteção, distanciamento social, limpeza/desinfecção reforçada, menos turnos, impedimento de acesso à fábrica por parte de pessoal não produtivo, como clientes ou inspectores, entradas controladas de camiões com motoristas protegidos, etc.

4.2 Estimativa do número de trabalhadores afetados: 10192

O número de trabalhadores afetados corresponde, na sua esmagadora maioria, a pessoas colocadas em lay-off, e os restantes, a cerca de 4 infetados e pessoas em casa a dar assistência à família. Existem ainda casos de fábricas com um turno de pessoal de reserva em casa para o caso de haver infeção nos turnos actualmente em laboração.

Nota: Sugerimos também a consulta no Portal do INE, do [DESTAQUE - COVID-19: acompanhamento do impacto da pandemia nas empresas](#). Na terceira semana de inquirição, os resultados confirmaram os desenvolvimentos identificados, com poucas diferenças relativamente à primeira edição deste inquérito levado a cabo pelo INE e pelo Banco de Portugal. A CIP elaborou um [resumo](#) dos resultados do inquérito.

2. CONJUNTURA PORTUGUESA

O Banco de Portugal (BdP) publicou a 12 de março projeções para economia portuguesa. Sabemos agora que por volta dessa data empresas e pessoas preparavam-se para entrar em confinamento e/ou suspender a atividade em Portugal, sendo meados de março um marco possível para observar a paragem abrupta da atividade económica no nosso país (que já decorria e se foi estendo a outros países em todo o mundo), pelo que as previsões à data estavam longe de incorporar o efeito dos acontecimentos das semanas que se seguiram, até porque as medidas tomadas pelo Governo português e pela UE para fazer face à crise foram sendo conhecidas ao longo deste último mês, e naturalmente decisivas para prever impacto na situação económica das famílias e das empresas.

Como tal, de entre as muitas fontes de informação possíveis e conferências assistidas que tiveram lugar em abril no sentido de se avaliar o impacto económico do COVID na economia, optámos pelas projeções e análise do Forecasting Lab/NECEP da Católica Lisbon, apresentadas pelo economista e Professor Associado Borges de Assunção, sob o tema "[2020: A Odisseia da Economia Portuguesa no Grande Confinamento](#)".

Alguns destaques da apresentação:

- a maior interdependência de Portugal face à evolução das economias europeias
- a **previsível grande queda de emprego no 2º trimestre**: cerca de 1 milhão de trabalhadores em lay-off e+ de 160 000 trabalhadores independentes com quebra de atividade e + de 170 000 trabalhadores em apoio familiar ou isolamento profilático. A imprevisibilidade da evolução do lay-off até ao final do 2º trimestre torna

difícil prever a evolução do PIB nesse mesmo período, mas atendendo à relação usual entre emprego e evolução de PIB, num cenário otimista, assistiremos, no mínimo, a uma contração de -10% do PIB no 2º trimestre.

- a perspetiva do FMI para a economia portuguesa, comparando o ano de 2019 com o ano de 2020, antes e pós-choque COVID19, ao nível de alguns dos principais indicadores macro-económicos:

Principais indicadores	2019	2020 antes	2020 depois
Crescimento do PIB a preços constantes (%)	2,2	1,6	-8,0
Taxa de inflação (%)	0,3	1,2	-0,2
Taxa de desemprego (%)	6,5	5,6	13,9
Saldo orçamental (% PIB)	0,2	0,1	-7,1
Dívida pública bruta ((% PIB)	117,6	114,8	135,0

Fonte: FMI e NECEP

Cenários de Crescimento do PIB em Portugal	2019	2020	2021
Central	2,2	-10,0	-4,1
Pessimista	2,2	-20,0	-10,6
Otimista	2,2	-4,0	2,2

Fonte: NECEP

3. CONJUNTURA INTERNACIONAL

PIB	2019	2020	2021
MUNDO	2,9	-3,0	5,8
EUA	2,3	-5,9	4,7
UE – ZONA EURO	1,2	-7,5	4,7
Alemanha	0,5	1,1	1,1
França	1,3	-7,2	4,5
Espanha	2,0	-8,0	4,3
Itália	0,3	-9,1	4,8
Reino Unido	1,4	-6,5	4,0
PORTUGAL	2,0	-8,0	5,0
Angola	0,0	1,1	1,1
Brasil	1,1	-5,3	2,9
China	6,1	6,0	6,0
India	4,2	1,9	7,4
Japão	0,7	-5,2	3,0
Rússia	1,3	-5,5	3,5

Fonte: WEO FMI – Abril 2020

Serviço de Economia e Associativismo

ANIMEE